



**III Congresso Latino-Americano de
Formação de Professores de Línguas**



Universidade de Taubaté, São Paulo, Brasil, no período de 04 a 06 de novembro de 2010

A ESCRITA DE LIBRAS (*SIGNWRITING*): UM OLHAR PARA O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DO ALUNO SURDO E PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUAS

Maria Salomé Soares Dallan (USF – Mestranda em Educação)

Márcia A. A. Mascia (Orientadora)

RESUMO: O quadro atual de educação de alunos com surdez na escola regular mostra-se desanimador, preocupando quem deseja oferecer estímulos adequados ao desenvolvimento do potencial global destes alunos, dentro de uma perspectiva inclusiva. Percebe-se que a dificuldade maior de aquisição de conhecimento deles reside na dificuldade do aprendizado da língua portuguesa, o que acarreta prejuízos ao seu desenvolvimento educacional. Buscando formas mais adequadas de ensino que propiciassem um substrato linguístico apropriado aos falantes de Libras¹, nos deparamos com a escrita *SignWriting*, adequada às línguas espaço-visuais, cuja escrita passamos a ensinar aos alunos com surdez. Tal experiência suscitou uma pesquisa de Mestrado, em andamento, que tem como proposta verificar as contribuições do sistema *SignWriting* para o desenvolvimento escolar dos educandos com surdez. A pesquisa pretende trazer reflexões para se pensar a questão do acesso ao conhecimento difundido pela escola regular, tendo a aprendizagem desta escrita como fator detonador da aprendizagem. Em última instância, busca-se a sensibilização dos professores de línguas, contribuindo para sua formação profissional e apontando para a necessidade do aprendizado deste tipo de escrita para as línguas de sinais.

1. Introdução

A motivação para que este trabalho tivesse início decorreu da preocupação que eu tinha em oferecer aos alunos com surdez estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político-cultural. Preocupava-me ao perceber que a dificuldade no aprendizado da língua portuguesa acarretava prejuízos ao processo educacional deles. Neste sentido, meus estudos, desde 2001, levaram-me a ver na escrita de língua de sinais, sistema *SignWriting*, uma poderosa aliada no processo de ampliação de conhecimento de mundo por parte desses sujeitos aprendizes; uma escrita capaz de gerar ganhos cognitivos significativos, pois é adequada à escrita de uma língua visual/espacial como é a Língua Brasileira de Sinais.

¹ Lei federal n. 10.436 de 22 de abril de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

Neste artigo, procurarei explicar inicialmente sobre o campo onde foram coletados os dados iniciais com os alunos. Em seguida, explico o funcionamento da Escrita de Sinais, passando ao embasamento teórico que subsidiou minha prática de trabalho como Pedagoga em Educação Especial em Sala de Recursos para Deficientes Auditivos, junto a alunos com surdez de uma rede municipal no interior de São Paulo. Nas considerações finais, abordo a necessidade de uma formação para os professores de línguas, que dê conta de abarcar o rico universo das línguas visuais. Como decorrência deste processo, espero poder colaborar para desmistificar a idéia que alguns profissionais têm de que esta escrita é muito complexa, extremamente difícil de ser aprendida e, por conseguinte, inacessível a professores ouvintes.

2. Contexto da pesquisa

Na época em que este trabalho foi desenvolvido (2007 a 2009), eu era professora de Educação Especial na Sala de Recursos para Deficientes Auditivos em uma rede municipal de educação no interior de São Paulo. Minha formação em Educação Especial, com pós-graduação em Educação e Surdez, mais a Formação Continuada em A.E.E.², possibilitou que eu atuasse de forma mais crítica em relação ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos com surdez, falantes de língua de sinais. No contra-turno, eu oferecia suporte de tradução e acompanhamento escolar a esses alunos na sala de aula regular.

Algumas dificuldades surgiram logo no início do trabalho, decorrentes do pouco conhecimento que estes alunos tinham em relação à língua portuguesa (modalidades oral e escrita), gerando os seguintes problemas: aquisição de conhecimento insuficiente; suportes para aprendizagem inadequados; falta de uma escrita visual para consolidar a aprendizagem; o fato de a escrita em língua portuguesa não proporcionar um substrato linguístico apropriado aos alunos falantes de Libras, não sendo um auxiliar para a retomada de conteúdos nos estudos individuais de cada aluno.

Buscando um referencial teórico na área de leitura e escrita, encontrei em Vigotski (VIGOTSKI, 1998) dados indicativos de que a compreensão da linguagem escrita é efetuada primeiramente através da linguagem falada. Inicialmente, a escrita é um simbolismo indireto, que necessita da linguagem falada para ser produzida e compreendida. Gradualmente, a criança deixa de usar a fala para produzir a escrita, que passa a ter um simbolismo direto, sendo compreendida como a própria fala. A pergunta fundamental para mim, naquela situação de ensino era: Como é que este aluno vai escrever uma língua oral, desconhecida para ele, de

² Atendimento Educacional Especializado – Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva.

modo que se torne um simbolismo direto, representativo de seu pensamento, que neste caso, era em língua de sinais? Mary Kato e o relato da própria experiência no aprendizado de uma segunda língua, também auxiliaram para que eu pensasse em outra forma de ensino, baseada na própria língua desses alunos:

Resumindo esta análise, posso entender por que meu desenvolvimento na aquisição da leitura em segunda língua foi tão surpreendente. Na verdade, o meu *handicap* linguístico, de um lado, e a minha experiência prévia como leitora, de outro, atuaram em conjunto como fatores facilitadores para esse desenvolvimento. (...) Este estudo de caso parece corroborar as teses recentes sobre leitura em língua estrangeira de que a língua oral não é um pré-requisito para a aprendizagem da leitura em segunda língua e que, se o aluno já é um leitor proficiente em sua língua, as estratégias procedimentais que nela utiliza podem compensar com vantagem, o déficit no domínio linguístico. (KATO, 1999, p. 30)

Esta reflexão, associada a Fernandes que diz que devemos evitar uma prática já comum de “admitir-se a presença da língua de sinais apenas como meio para se chegar à língua da maioria, a língua portuguesa” (FERNANDES, 2008, p. 24), auxiliaram para que eu buscasse outras formas de ensino, mais adequadas aos alunos com surdez, falantes de língua de sinais, visando que obtivessem uma leitura fluente e com compreensão.

3. Fundamentação teórica – é possível escrever em língua de sinais?

Não há só uma maneira de se pensar a linguagem. Há várias. (...) há ainda os que propõem outros discursos. Estes últimos são os que percebem que o objeto da ciência também é objeto de desejo. E em torno dele tecem suas aventuras reflexivas, constituindo-se em cientistas ao mesmo tempo em que instituem as diferentes formas de conhecimento sobre a linguagem. (ORLANDI, 1999, p.66)

O *SignWriting* ou *Sistema Sutton* para grafia de línguas de sinais não foi o único sistema capaz de grafar fonemas de uma língua visual-gestual. William C. Stokoe foi o primeiro linguista a realizar um estudo sistemático das línguas de sinais, nos Estados Unidos, na década de 60, quando ele criou uma escrita extremamente técnica, capaz de descrever essas línguas.

Naquela ocasião, este cientista conseguiu legitimar o status linguístico desta forma de comunicação/interação, uma vez que anteriormente se pensava que as línguas de sinais não eram línguas naturais. O sistema Stokoe é constituído por um conjunto de símbolos e regras de escrita, definidos para representar os diversos aspectos fonético-fonológicos das línguas de

sinais, abrangendo três dos cinco parâmetros gramaticais necessários para a realização de uma palavra em Libras.

O sistema *SignWriting* foi desenvolvido pela norte-americana Valerie Sutton, por volta da década de 70, quando estava na Universidade de Copenhague, na Dinamarca, grafando balés tradicionais através de um sistema criado por ela para esta finalidade, o *DanceWriting*. Sutton despertou a atenção de pesquisadores da língua de sinais Dinamarquesa na Universidade de Copenhague, que viram naquela escrita uma possibilidade para notação dos sinais utilizados na comunicação/interação das pessoas que fazem uso desta língua visual. Surgia então, na Dinamarca, o primeiro movimento para grafar as línguas de sinais. De sistema escrito à mão, passou-se a um sistema possível de ser escrito no computador, com um programa, o *Signwriter*, criado dentro do próprio movimento Sutton para grafia das línguas visuais.

Em 2004, surgiu um programa mais amistoso desenvolvido por pesquisadores da Universidade Católica de Pelotas – o *SWEdit*³, que facilitou o uso para pessoas com pouco conhecimento de informática, uma vez que utiliza a plataforma *Windows*. Utilizo este programa hoje e o considero muito acessível, possibilitando uso de gravuras em interface com editores de texto e programas de desenho gráfico. Embora ainda seja uma versão experimental, podemos produzir uma infinidade de materiais em Libras, com o auxílio dele, como veremos adiante.

O *SignWriting* entrou no Brasil em 1996, quando a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, através do Professor Doutor Antonio Carlos da Rocha Costa, descobriu a possibilidade de uso desta escrita junto ao computador. Este professor formou um grupo de trabalho com as professoras Márcia Borba e Marianne Stumpf (que na época era Doutoranda em Informática na Educação) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE).

Quadros⁴ afirma que o *SignWriting* apresenta características de evolução da escrita alfabética e que, em maio 1998, discutiu-se a possibilidade de padronização da escrita do mesmo sinal, pois logo que o sistema surgiu, cada pessoa escrevia da forma como entendia que um determinado sinal deveria ser escrito graficamente, ou seja, alguns eram mais detalhistas no traçado, outros mais simplistas. Ela também esclarece que processo semelhante

³ Projeto realizado com apoios diversos, do CNPq e da FAPERGS, durante o período 1996-2006. Projeto realizado em estreita ligação como Center for Sutton Movement Writing (<http://www.signwriting.org>). Disponível em: <http://sign-net.ucpel.tche.br/>

⁴ Quadros, R. M. Um capítulo da história do SignWriting. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>

aconteceu com a língua inglesa, quando esta começou a ser escrita. Cada pessoa escrevia a palavra de acordo com o som que ouvia, porém com a grafia que considerasse ser a correta, processo este que teve fim com o surgimento da imprensa. Com o estabelecimento de normas referentes à ortografia, passou-se a escrever de forma socialmente convencionada. Segundo Capovilla (2001a, p. 55), “quando as convenções ortográficas de uma língua já estão consolidadas, o trabalho de leitura e escrita é imensamente facilitado e as ambigüidades são reduzidas”.

Um movimento pioneiro e de suma importância para tornar público este sistema no Brasil ocorreu devido à divulgação do Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira, de autoria dos pesquisadores Fernando Cesar Capovilla e Walkíria Duarte Raphael. Nessa obra, além das explicações formais sobre o sistema *SignWriting*, pode-se encontrar para cada termo em português a grafia em escrita de sinais, o que possibilita a reflexão e o exercício desta escrita. (CAPOVILLA, 2001, p.55).

Apresento (Figura 1) um exemplo desta escrita, que respeita a gramática própria da Libras, muito diferente daquela do Português. Este trecho do Hino Nacional foi traduzido para Escrita de Sinais pela Doutora Marianne Rossi Stumpf⁵. Uma observação é necessária: a tradução termo a termo foi realizada apenas para efeitos didáticos, de modo que o leitor identifique o processo de formação de cada palavra em Libras.

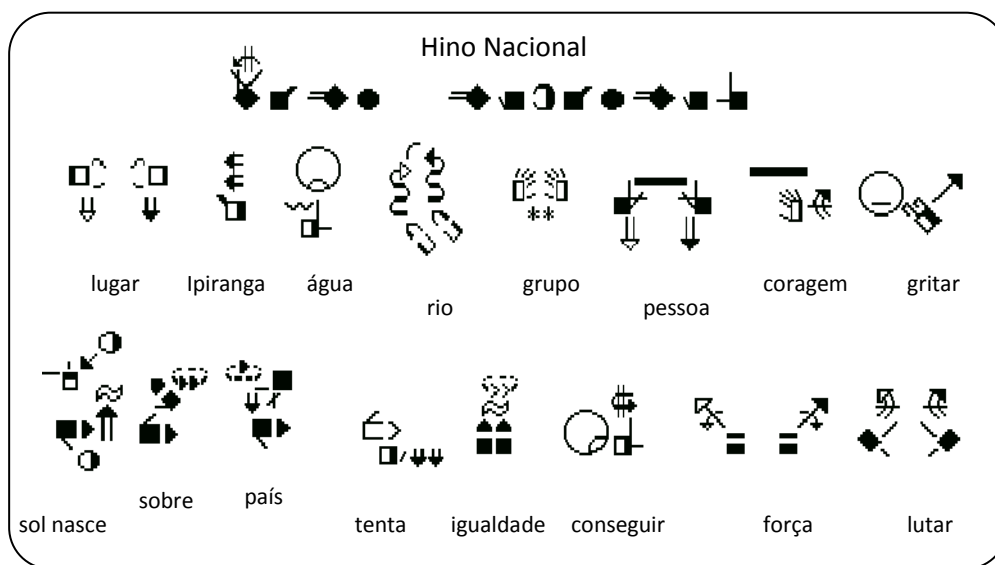


Figura 1

Como funciona a escrita signwriting:

⁵ Pesquisadora brasileira que já produziu, inclusive, um artigo científico escrito inteiramente neste sistema de escrita visual. Material disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/15714/14228>

Ao contrário da ilustração analógica (receptiva), a escrita SignWriting é feita a partir do ponto de vista do sinalizador: na perspectiva expressiva, como se o leitor estivesse atrás do sinalizador, facilitando assim enormemente a leitura. As expressões faciais também são escritas na perspectiva expressiva (Figura 2):

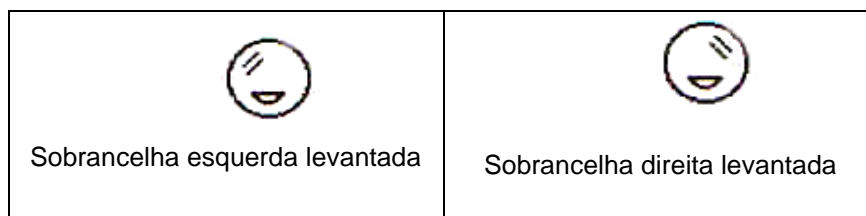
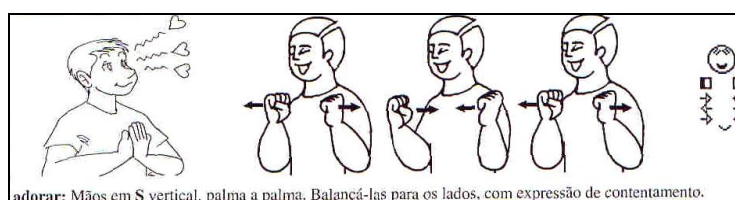


Figura 2 ⁽⁶⁾

Os sinais são escritos na vertical, de cima para baixo (Figura 3):



adorar: Mãos em S vertical, palma a palma. Balancá-las para os lados, com expressão de contentamento.

Figura 3

A forma manual, que é o principal parâmetro para configuração de um sinal, é descrita (Figura 4):

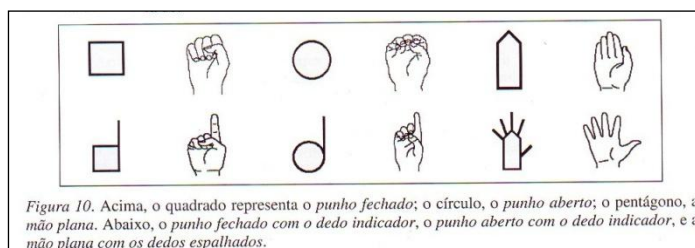


Figura 10. Acima, o quadrado representa o punho fechado; o círculo, o punho aberto; o pentágono, a mão plana. Abaixo, o punho fechado com o dedo indicador, o punho aberto com o dedo indicador, e a mão plana com os dedos espalhados.

Figura 4

Orientações da mão e da palma (Figura 5):

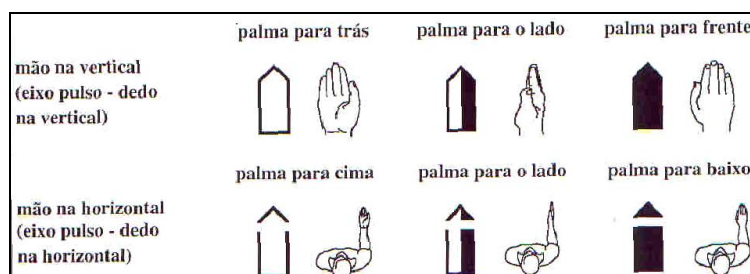


Figura 5

A expressão fisionômica e a expressão do olhar podem ser descritos em detalhes, através de setas com configuração pré-determinada pela idealizadora do sistema. Os pontos de

⁶ Todas as figuras seguintes foram retiradas do Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira – Volume 1

contato auxiliam a determinar o tipo de aproximação em relação ao próprio ponto de contato do corpo (Figura 6):

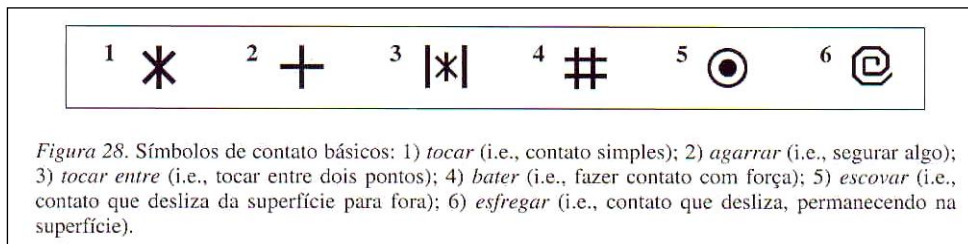


Figura 6

Eixos imaginários, onde ocorre o movimento, geram todas as setas de direção, baseadas nos parâmetros de horizontalidade (XZ), verticalidade (YZ) e profundidade (XY), ou frontal (Figura 7):

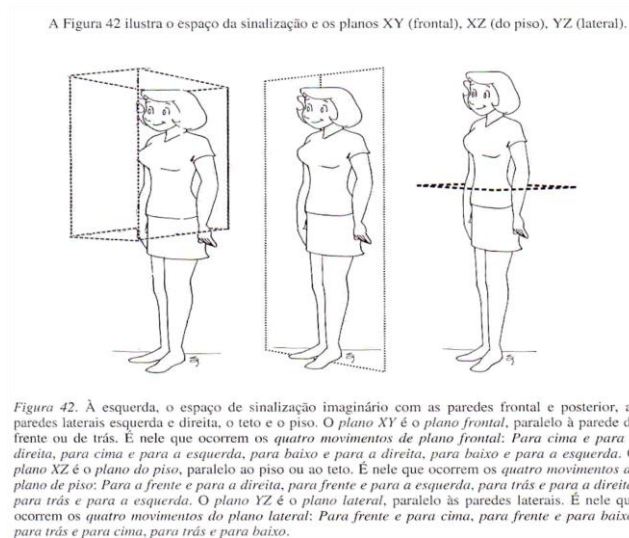


Figura 7

Esta escrita possibilita a grafia da Libras preservando seus cinco parâmetros de realização do movimento (FELIPE e MONTEIRO, 2005, p. 23): Configuração das mãos; ponto de articulação: podendo esta estar em um espaço neutro fora do corpo do sinalizador ou ancorado ao próprio corpo; movimentos existentes ou não, inclusive existindo possibilidade de demarcação de velocidade e concomitância ou não das mãos na hora da realização do sinal; orientação/direcionalidade; expressões faciais e corporais (indicando inclusive marcações para os olhos, sobrancelhas, língua, etc). Um manual deste sistema de escrita pode ser acessado gratuitamente através do *site* <http://sign-net.ucpel.tche.br>, acessando-se o *link* “Lições sobre SignWriting”. Este material é uma tradução parcial e adaptação da versão em inglês, feito pela professora Marianne Rossi Stumpf.

Existe também a possibilidade de escrita do alfabeto manual, bem como dos números (Figura 8):

Romano	A	B	C Ç	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
SignWriting													
Digital													

Figura 8

No trabalho direto com alunos com surdez - falantes de Libras - pode-se observar através do trabalho didático que o processo cognitivo dos mesmos é mediado pela língua de sinais e pelas imagens que associam fatos e ocasiões. Quando são solicitados a grafar determinado texto em língua portuguesa, eles fazem a tradução de Libras para o português escrito, convertendo os sinais similares em significado para a língua portuguesa – só que isoladamente. As duas línguas têm um sistema gramatical incompatível em termos de tradução literal, o que, aliás, também ocorre em todas as outras línguas. O resultado é óbvio: a coerência e a coesão textual de um material escrito produzido por uma pessoa surda que não conheça em profundidade a língua portuguesa, ficam extremamente prejudicadas. Estudos diversos comprovam este problema (CAPOVILLA, DALLAN, FERNANDES, GOLDFELD, LACERDA & GÓES, QUADROS, SACKS, SILVA, SOARES, SOUZA, entre outros).

Capovilla (2001 e 2008) demonstra, através de pesquisa, que o mecanismo da escrita, seja ela oral/auditiva ou visual/espacial, possibilita a reflexão sobre o ato linguístico, permitindo a retomada e revisão sobre o conteúdo comunicativo. Possibilita, também, a estruturação dos mais diversos tipos de textos, tais como as piadas e os poemas, que por possuírem um conteúdo carregado de significações próprias ao gênero textual, muitas vezes só fazem sentido quando escritas na própria língua na qual foram criadas.

Quando a escrita é compatível com os aparelhos sensoriais que o indivíduo possui para interagir com o mundo, a fluência na compreensão do conteúdo, decorrente do estabelecimento das relações de coesão e de coerência que organizam o texto, é facilitada, uma vez que a correspondência língua falada/língua escrita é condizente (Capovila, 2001, vol.2) com o conhecimento linguístico desta pessoa. A aquisição da escrita em língua de sinais pode favorecer o aluno com surdez na aquisição de novos mecanismos para abstrair e teorizar sobre o mundo que o cerca, uma vez que a escrita complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito em suas interações, socialmente.

Outra vantagem da escrita de sinais é que esta pode ajudar ouvintes a aprenderem mais facilmente a Língua de Sinais, pois possibilita a grafia do sinal, o que vem a facilitar a organização de um material de consulta posterior. O sistema escrito também propicia a

ampliação e divulgação do léxico desta língua, pois permite maior avanço no registro de termos científicos e tecnológicos. A representação gráfica de uma língua que era considerada ágrafa até pouco tempo, auxilia o processo de desenvolvimento e expansão desta língua, uma vez que abre oportunidades variadas em seus aspectos discursivos e/ou modalidades de uso: um sistema escrito compatível com uma língua visual-gestual possibilita aos usuários se constituírem como sujeitos letrados, permitindo o desenvolvimento da consciência linguística dos usuários desta e auxiliando na produção de sentidos que o escritor e o leitor tecem sobre os efeitos discursivos inclusos nos textos produzidos.

Este aprendizado permite ao aluno surdo uma possibilidade maior de trocas simbólicas, exercitando e provocando a capacidade representativa dessas pessoas, organizando e sistematizando coordenações mentais cada vez mais elaboradas, já que a escrita é em sua própria língua. A língua de sinais, no contexto da surdez, atua inicialmente enquanto meio organizador do pensamento e, conseqüentemente, das interações comunicativas. Sobre este salto qualitativo que o ser humano alcança através da linguagem (que não é apenas a oral-auditiva/visual, é também escrita), Goldfeld diz:

A comunicação não é a única função da linguagem, ao contrário, a comunicação é o início de um processo extremamente complexo que resulta na internalização de conceitos e na constituição do indivíduo enquanto membro de uma cultura específica, já que a linguagem possibilita a formação de uma visão de mundo própria (GOLDFELD, 1997, p.156).

A proposta de grafia da Libras no sistema *SignWriting* vem completar o processo educacional do aluno surdo, em uma proposta que visa a ampliação de seu conhecimento do mundo, possibilitando o uso de materiais escritos, disponibilizados como complemento ao Atendimento Educacional Especializado em Libras e para o ensino de Libras. No entanto, um cuidado deve ser tomado: misturar o ensino de *SignWriting* com palavras em língua portuguesa é uma confusão teórica que deve ser evitada. A proposta de escrita da Libras visa à ampliação e reflexão sobre a própria língua; não podemos considerar o processo de sinalização escrita como mais uma metodologia para que o aluno surdo amplie seu vocabulário na língua portuguesa.

No trabalho de campo, ouvi de colegas que também trabalham com alunos surdos, termos como “alfabetização em Libras” ou “alfabetizado em *Signwriting*”, reportando-se ao processo inicial de aprendizado da Escrita de Sinais. Refletindo sobre isso, consultei SOARES (2007, p.28) a qual diz que: “A etimologia do termo ‘alfabetização’ diz respeito ao processo de aquisição do sistema de codificação de fonemas e decodificação de grafemas, apropriação do sistema alfabético e ortográfico da língua”. Em Houais, encontramos:

“Alfabetização = ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras”. A própria etimologia da palavra vem da junção dos nomes das duas letras iniciais do alfabeto grego: *Alpha* e *Beta*, portanto, decorrente do processo de apropriação da escrita de uma língua oral/auditiva, usando o código alfabético para isso. Como o processo da escrita em Libras através deste sistema é desvinculado do alfabeto, sendo decorrência de um processo de sinalização – interna ou externa - optei pela criação do termo “*Sinalização Escrita*” por conceber que, de fato, na escrita de Libras é este o processo que ocorre. Entenda-se, portanto, que o processo de aprendizado da sinalização escrita refere-se ao aprendizado inicial dos códigos usados para grafar a Libras através do Sistema *Signwriting*: configurações de mãos, localização espacial do sinal, expressões fisionômicas e corporais, bem como todos os códigos que indicam também a direcionalidade e intensidade do sinal.

Iniciei, em 2007, o processo de ensino com os meus alunos (cinco, todos eles com surdez profunda e falantes de Libras, na faixa etária de 13 a 18 anos, estudantes de quinta a oitava série do Ensino Fundamental), visando inicialmente coletar dados que apontassem na direção de torná-los leitores em Libras. Esperava, ainda, que esta aquisição trouxesse também ganhos em relação à língua portuguesa – como a possibilidade de comparação e reflexão entre os sistemas gramaticais e a linguagem – além de se tornar um sistema prático para anotação de vocabulário.

O processo de ensino da sinalização escrita iniciou-se com o aprendizado das unidades mínimas que compõem o sinal (palavra em Libras). O primeiro passo foi a escrita do sinal pessoal. Foram momentos prazerosos, de muitas descobertas, muito diferente das aulas de português como segunda língua, nas quais eles se sentiam inseguros, embora este ensino fosse extremamente necessário à sua vida como um todo.

Quando já faziam leitura de vários sinais, apresentei um texto: “A piada da árvore surda”, em escrita de sinais. Percebi, na apresentação deste texto, que o projeto era totalmente possível: dois alunos, que liam mais rapidamente, sorriram com felicidade, comentando o conteúdo comigo.

De leitores proficientes a escritores, não percebi grandes dificuldades. Apenas as mesmas encontradas por qualquer criança na fase inicial de escrita da palavra: qual símbolo gráfico representa tal som? Com estes alunos não foi muito diferente. A configuração de mão era a primeira reflexão a ser pensada. Em seguida, se aquele sinal era ancorado ou não no corpo; se precisava ou não de expressão facial; quais as setas que indicavam a direção e sentido da mão. Eles tiveram a possibilidade de refletir sobre a gramática da própria língua. Pensar em como expressar-se melhor. Ao contrário da escrita da língua portuguesa, não havia

nenhum processo de tradução: a criatividade possibilitava escrever conforme pensavam. Apresento nas Figuras 9, 10 e 11, exemplos de escrita dos meus alunos, feitos após dois meses de ensino do sistema, com duas horas aula semanais:

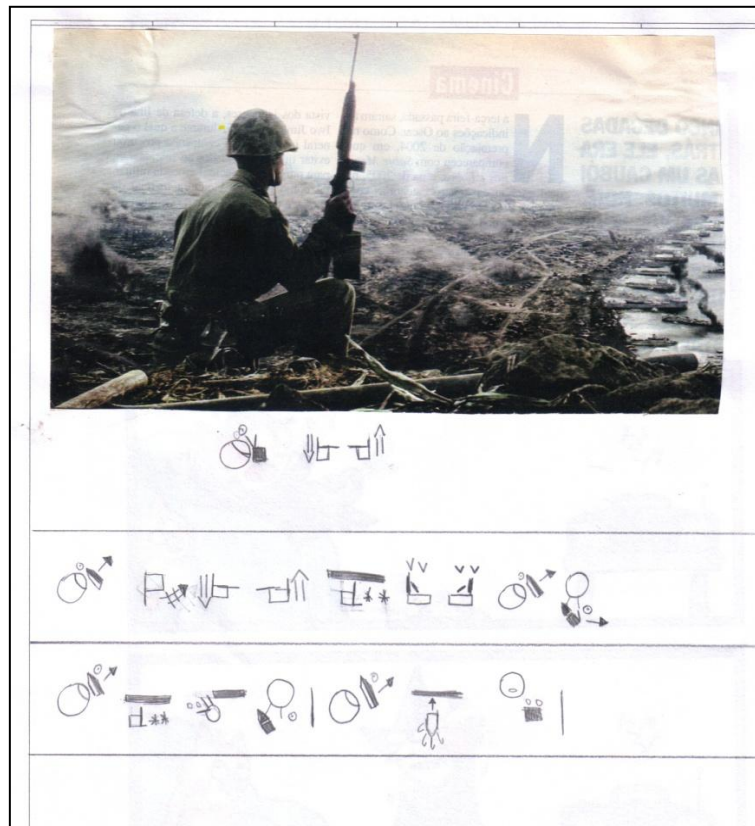


Figura 9 (tema: II Grande Guerra)

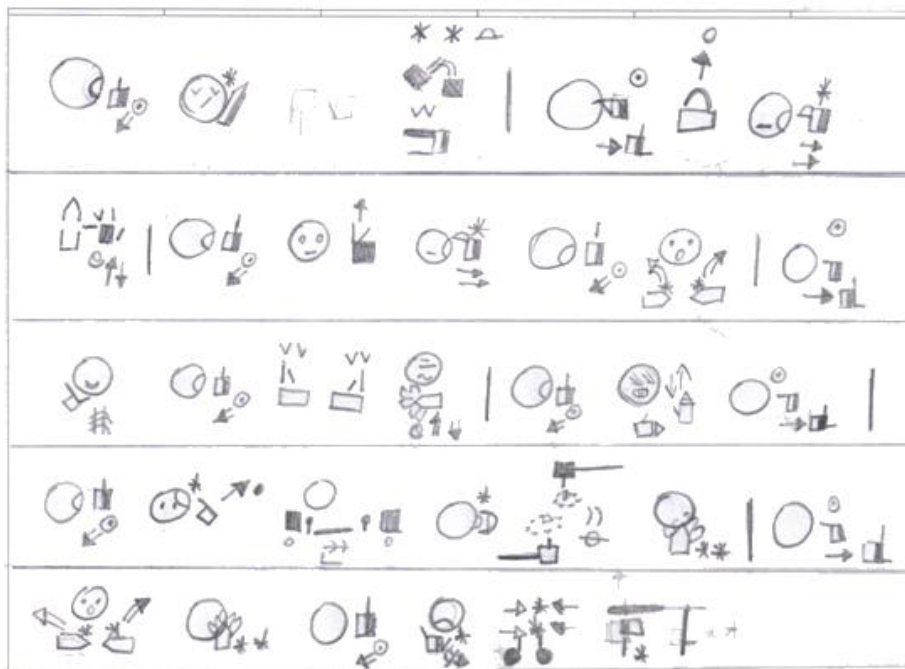


Figura 10 (releitura de quadrinhos da Eva Furnari⁷)

⁷ História: *O ratinho*. Quadrinhos da Bruxinha – autora Eva Furnari.

Considerado o fundador da escola realista flamenga, coube a Jan van Eyck aperfeiçoar a recém-criada técnica da pintura a óleo, em telas que patenteiam uma técnica prodigiosa.

Jan van Eyck nasceu em Maaseik, perto de Liège, Flandres, antes de 1395. Durante muito tempo foi tido como o autor do chamado *Livro de horas Milão-Turim*, mas pesquisas posteriores demonstraram a incerteza de tal suposição. A primeira informação segura a respeito da vida de Jan van Eyck foi sua nomeação como pintor oficial de João da Baviera, conde de Holanda, em 1422. Três anos mais tarde entrou para o serviço do duque de Borgonha, Felipe o Bom, para quem realizou várias missões diplomáticas secretas na Espanha e em Portugal. Em 1431, Jan van Eyck comprou uma casa em Bruges, onde se casou e fixou residência.

As únicas obras conservadas de Van Eyck correspondem à última década de sua vida. A mais antiga e conhecida é o políptico "A adoração do Cordeiro místico" (1432) da igreja de São Bavo, em Gand, retábulo complexo que despertou controvérsias por causa da inscrição que atribui sua realização ao suposto irmão de Jan, Hubert van Eyck. Embora documentos atestem a existência de Hubert van Eyck, sua intervenção na obra e a relação familiar com Jan permanecem po-

HOLANDA



"O casamento de Giovanni Arnolfini e Giovanni Cenami" tela da fase madura de Jan van Eyck. (National Gallery, Londres.)

lêmicas. O políptico de Gand, de qualquer modo, revela o naturalismo de Jan van Eyck, talvez influenciado pelo estilo de Robert Campin, e a tendência a introduzir na pintura elementos religiosos simbólicos de difícil interpretação.

O apogeu da arte de Jan van Eyck ocorreu com obras posteriores, como "Retrato de um jovem" (1432), "O casamento de Giovanni Arnolfini e Giovanna Cenami" (1434), "Madona do cônego Van der Paele" (1434-1436) e "Madona na fonte" (1439). Jan van Eyck morreu em Bruges, em julho de 1441.

Figura 10 (aluno usou a escrita para grafar tradução da língua portuguesa)

4. Análise dos dados

O referencial teórico estudado embasou a prática do ensino deste tipo de escrita, cujo aprofundamento nos dados de metodologia de ensino não foi o foco da pesquisa. O objetivo de visualizar as possibilidades de uso do sistema foi completamente contemplado, pois percebi, através da prática, que os alunos assimilam a escrita com muita rapidez, tornando-se leitores proficientes em pouco tempo - comprovando mais uma vez a adequação desta escrita visual à escrita de Libras, sendo um substrato psicológico totalmente compatível. Através da

escrita, os alunos puderam deixar aflorar sua criatividade, uma vez que estavam livres da necessidade de tradução. Eles usaram a Escrita de Sinais para grafar vocabulários e termos da língua portuguesa, como auxiliares na tradução.

Ao aprender a escrita de Libras, os alunos adquirem uma ferramenta que proporciona e estabelece acesso ao conhecimento, pois possibilita uma retomada posterior de conteúdo. A percepção gramatical foi ampliada, pois percebi claramente nas discussões no grupo, que os alunos passaram a se preocupar mais com a forma correta da configuração de mão na hora da realização escrita de um sinal: escrevendo melhor, passaram a falar melhor em sinais. O pouco material em circulação à época do ensino dificultou um trabalho mais efetivo de continuidade de uso do sistema no âmbito escolar, principalmente no foco de trabalho adotado por mim, que são os gêneros literários; porém, pude perceber as vantagens que os alunos tiveram no aprendizado da escrita, que coincidem com os dados apontados por Gangel-Vazquez (GANGEL-VASQUEZ, 1998).

A falta de conhecimento que outros profissionais que lidavam diretamente com esses alunos tinham em relação à Escrita de Sinais dificultou muito a expansão do trabalho, visando a tradução de conteúdos escolares, pois o mito de que estes alunos devem escrever apenas em português ainda é muito forte. A Lei de Libras - 10.436, de 24 de abril de 2002 - e sua normatização através do Decreto 5.626, publicada em dezembro de 2005, instituiu, entre outras coisas, que esta língua de sinais deva “ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior – em todas as licenciaturas – e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios”.

As implicações legais destas determinações foram muitas: novos cursos superiores e de pós-graduação, para dar conta da formação desses professores que estarão atuando nesses espaços; nova reestruturação das escolas que recebem alunos com surdez, entre outros. Porém na prática, pouca coisa mudou, havendo a necessidade de se efetivarem práticas pedagógicas reflexivas, que girem realmente em torno das necessidades específicas dos alunos com surdez, falantes de Libras. Um novo profissional, principalmente da área de Letras, que irá lidar especificamente com o ensino de línguas, necessitará ser formado para que se atenda a esta demanda existente na escola regular.

5. Considerações finais

A aprendizagem deste sistema, e seu ensino posterior aos meus alunos surdos falantes de libras, possibilitou que eu refletisse sobre a necessidade de se considerar que a criança surda não pode construir a modalidade escrita da língua oral à qual está submetida através da forma escrita, de forma similar à que as pessoas que já dominam a língua portuguesa na modalidade oral aprendem ao iniciar seus primeiros contatos com a escrita da própria língua. A criança surda percorre caminhos próprios, uma vez que deve aprender a escrever uma língua que ela, em geral, não fala e não domina (FERNANDES, 2006).

Referências bibliográficas

- CAPOVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira*, Volumes I e II. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2001.
- DALLAN, M.S.S. *Educação de Jovens e Adultos: estudo sobre o processo de aquisição do português escrito por alunos surdos*. Monografia – Faculdade de Educação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas: Campinas, 2002.
- FELIPE, T. A. e MONTEIRO, M. S. *Libras em Contexto – curso básico*. 5ª ed. Livro do Professor. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- FERNANDES, E (org.). *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- _____. *Surdez e Bilingüismo*. 2ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- _____. *Problemas Lingüísticos e Cognitivos do Surdo*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- GANGEL-VASQUEZ, J. *Literacy in Nicaraguan Sign Language: Assessing “Written Sign” Recognition Skills at the Escuelita de Bluefields*. Thesis master’s degree. Nicarágua:1998. <http://www.signwriting.org>.
- GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista*. São Paulo: Plexus, 1997.
- KATO, M. A. *O aprendizado da leitura*. 5ª. Ed. São Paulo: Martins fontes, 1999.
- LACERDA, C.B.F., GÓES, M.C.R. (orgs). *Surdez: Processos Educativos e Subjetividade*. S. P.: Lovise, 2000.
- ORLANDI, E. P. *O que é lingüística*. 12ª reimpressão. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PEREIRA, M. C. C. Aspectos Sintáticos da Língua Brasileira de Sinais. In: *Língua de Sinais*

e Educação do Surdo. Ed.: M. C. Moura, A. C. B. Lodi, M. C. C. Pereira. São Paulo: Tec Art, 1993.

QUADROS, R. M. *Alfabetização e o ensino da língua de sinais*. Textura, Canoas, n.3, p.53-62, 2000.

_____. *Um capítulo da história do SignWriting*. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>>, consultado em dezembro/2001.

SILVA, I. R. *Alfabetização de crianças surdas ou o início dos problemas na escola?* Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN (Março/2001). Disponível na Internet: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/vport.htm>.

SILVA, M. P. M. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

SOARES, M. A. L. *A Educação do surdo no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1999.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, R. M. *Que palavra que te falta?Lingüística, educação e surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STUMPF, M. R. *Língua de Sinais Escrita dos surdos na Internet*. V Congresso Iberoamericano de Informática Educativa, 3 a 6 de dezembro de 2000. Viña Del Mar, Chile. Disponível em: <http://www.c5.cl/ieinvestiga/actas/ribie2000/papers/248/>.

SUTTON, V. *Lições sobre o signwriting: Um sistema de escrita para língua de sinais*. Tradução de Marianne Rossi Stumpf. Disponível em <<http://rocha.ucpel.tche.br/signwriting>>.

VIGOTSKI, L. S. *A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche – 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.